

## ENTREVISTA

Por Gláucia do Carmo Xavier<sup>1</sup>

**Cristiane Sobral** é poeta e autora de crônicas e contos. Sua Literatura tem conquistado, cada vez mais, novos leitores, além de premiações. A autora dos livros “O tapete voador”, “Não vou mais lavar os pratos”, “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” e “Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção” fala como foi seu contato com a literatura e como é o processo de criação de textos de Literatura Negra que empoderam seus leitores. Fala-nos também sobre a influência de sua vida privada em seus textos. Sempre muito simpática e doce, a professora, escritora, atriz e amiga fica à vontade no bate papo que pode ser conferido, a seguir.

- 1) Você, Cristiane Sobral, já recebeu vários prêmios de Literatura. Só em 2017, já ganhou o prêmio de Culturas Afro-brasileiras da Secretaria de Cultura do Distrito Federal e foi inserida num grupo seletivo de 10 autoras, juntamente com Beatriz Brecher e Conceição Evaristo, que “estão movimentando a literatura brasileira”<sup>2</sup> por conquistar público e crítica. Eu gostaria de saber, como você recebe o reconhecimento da sua escrita e se considera que há uma relação entre essas premiações e a sua literatura de empoderamento.**

Em primeiro lugar, quando reflito sobre esse momento de reconhecimento, volto lá aos meus 5, 6 anos e vejo como sempre fui muito apaixonada e indignada. A realidade nunca me bastou. Essa paixão se traduzia em uma verdadeira mania de leitura, escrita... Queria conhecer as palavras. Por outro lado, sou uma pessoa muito determinada. Ao longo desses anos, eu nunca desisti da literatura nem do teatro, meu amor enorme não me permitiu um afastamento desse processo. Acredito também que esse mérito não é só meu, mas de vários escritores negros que também estão conseguindo um espaço maior. Meu compromisso não era com o sucesso, ao longo do caminho fui conhecendo muita gente inspiradora, fui enegrecendo a partir desses contatos, fui me humanizando bastante. Sou fruto da caminhada de luta de mulheres negras escritoras desconhecidas do grande público. Sinto-me fruto dessa coletividade, escrever é um ato político, mas publicar também é importante, dá visibilidade; percebo que estamos vivenciando um momento em que muitos silêncios estão sendo invadidos por outras versões da história, é um momento em que grupos majoritários (na quantidade), mas minoritários (no sentido do poder) estão tendo a oportunidade de apresentar seu jeito de ser e de viver além dos

---

<sup>1</sup> Mestre e doutora em Letras pela PUC Minas, professora do Instituto Federal de Ouro Preto.

<sup>2</sup><http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/livros/noticia/2017/03/dez-mulheres-que-estao-movimentando-a-literatura-brasileira-9743621.html>.

maniqueísmos de mal e bem. O meu êxito surge nesse contexto, o meu empoderamento como mulher negra se constrói também a partir dessa produção literária de negros e negras, uma vez que, segundo as metas canônicas, nós não fomos talhadas para escrever, para viver desse ofício.

- 2) Os poetas que trabalham com a literatura negra falam muito sobre a dificuldade de entrar nas grandes editoras, somado ao fato também de que as pessoas não compram poesia. Somado a isso, a gente tem outro dado, mesmo com essas dificuldades, o seu livro “Não vou mais lavar os pratos” teve a primeira edição esgotada em seis meses. A que você associa esse movimento de ascensão que conquista, cada vez mais, novos leitores?**

Eu venho de um universo familiar de pouco acesso aos bens culturais, à mobilidade urbana, com uma distância enorme dos grandes centros. Então, primeiro, como um sonho, uma decisão pessoal, desde a infância eu afirmava que escreveria, que viveria profissionalmente da literatura e do teatro. Isso é posto. Aí existe outro movimento interno meu: saí de um universo com tanta dificuldade, tudo isso parecia impossível, então, quando comecei a receber um mínimo retorno foi como se estivesse recebendo um Oscar. Eu comemoro sempre, com muita alegria, a conquista de cada leitor. Isso me mobiliza além das dificuldades. Por outro lado, as grandes editoras dizem: “poesia é um gênero que não vende”, mas eu decidi fazer poesia e que essa poesia que me sacode de cima em baixo também iria sacudir, tocar outras pessoas. De onde vem essa certeza? Não sei, mas ela é presente. Eu fiquei mais de 10 anos com o meu primeiro livro pronto, mas sem saber como publicar, então comecei a me apresentar em saraus, fazendo performances. As pessoas gostavam muito, me procuravam querendo comprar o meu livro e eu não tinha livro para vender. Por meio de um prêmio que o grupo de poetas “Oi poema” encabeçado por Luis Turiba, coletivo do qual fiz parte de 2002 a 2012 ganhou, cada um de nós pôde publicar o seu livro. Nasceu aí, em 2011, a 1ª edição do “Não vou mais lavar os pratos”. Com 1000 exemplares, comecei a vender os livros nos saraus e outros espaços culturais. Assim nasceu outra Cristiane, que tinha que dar conta de empresariar, de tocar esse pequeno negócio. As pessoas começaram a ler o livro, a recomendar, a postar trechos nas redes sociais, motivando outras pessoas para a aquisição. Foi e ainda é uma mídia espontânea que abriu portas no meio literário. Também em 2011, com o Augusto Brandão, grande parceiro da Editora Dulcina, fiz a publicação do segundo livro “Espelhos, miradouros dialéticas da percepção”, que teve uma aceitação muito boa. Em 2014, publiquei “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz”, pela Editora Teixeira, que também teve uma ótima estrada na primeira edição. Em novembro de 2016, com a Editora Malê, publiquei o livro de contos “O Tapete Voador”, cuja primeira edição está quase esgotada. “Não vou mais lavar os pratos” já está na terceira edição, agora revisada e ampliada.

- 3) Nós sabemos da importância da Literatura Negra na sala de aula e a lei 10693/03 reforçou muito essa necessidade, apesar de a gente perceber, como professor de Educação Básica, que a lei não fez muita “cosquinha” nos currículos escolares como deveria. Para você, qual a importância da Literatura Negra na sala de aula? Como essa literatura pode empoderar jovens?**

Lei fundamental, porém a sua implementação ainda é pequena, assim como a de outras leis do país que não são cumpridas; não há um mecanismo legal para obrigar as escolas a implementá-la. A questão negra e indígena, lei 11.645/08, fica alusiva à comemoração do 20 de novembro, são poucas as escolas que realizam um trabalho processual envolvendo as temáticas da lei. Por outro lado, como professora de teatro há quase 20 anos, nas escolas públicas pelas quais passei, observo que os alunos, em sua maioria, são pretos e pardos. Essa propagação de um padrão eurocêntrico dentro das escolas é criminosa do ponto de vista da construção da identidade desses jovens. A importância da lei e dos seus conteúdos para o empoderamento desses jovens é total, porque o contato com essa literatura que fala dessa negritude, apresenta outras perspectivas de representação das personagens negras, pode definir a construção identitária desses jovens, o gostar mais de si mesmo, o interesse pela leitura, e pode levar os estudantes, a partir desse primeiro amor com a Literatura Negra, a ler todas as literaturas possíveis, a ler o mundo ao seu redor. Esse processo de identificação é um processo educativo, não só dos estudantes negros, mas de todos que estão na sala de aula e que precisam, como brasileiros que são, refletir sobre a importância da cultura negra no país que tem a maior população negra fora da África. Essa lei é um marco, do ponto de vista legal. Precisamos continuar na luta, muitos professores têm realizado projetos, pesquisas, estudos, exemplos notáveis de aplicação da lei. Precisamos aumentar esse contingente, com professores negros e não negros, com gestores e corpo pedagógico comprometido. Mas muitos materiais enviados pelo MEC ainda ficam esquecidos em caixas ou trancados na escola, por não ser um assunto prioritário. Tenho exemplos de alunos em processo de evasão escolar, com sérios problemas disciplinares, que conseguiram, a partir do contato com as temáticas dessas leis, promover uma mudança em suas realidades, optando pela autoaceitação, o fortalecimento da autoestima, a construção identitária, o reconhecimento de sua própria negritude, a consciência política de seu papel nesse país como cidadãos.

- 4) Ainda sobre a literatura negra na sala de aula e como ela pode ser libertadora, principalmente para os leitores jovens, eu queria entender como foi esse processo com você, como foi sua relação com a literatura na sua juventude e como se deu seu processo de construção na condição de autora de Literatura Negra?**

Meu pai lia muito, também conversávamos muito e o fato de ter sido uma criança negra adotada por um casal formado por uma mulher branca e um homem negro, abriu os meus olhos em muitos aspectos. Desde muito pequena eu tinha um olhar

diferenciado, crítico, sobre as pessoas do meu bairro de subúrbio do Rio de Janeiro, cuja população era majoritariamente preta ou parda, eu não sei, acho que já nasceu comigo esse caminho de observação desses aspectos do ponto de visto do feminismo, da negritude. Eu percebia no meu contato com a escola, o racismo, pois fui diagnosticada com altas habilidades. Era vista como uma negrinha metida, porque eu me achava inteligente e realmente tirava notas altas. Isso era visto com estranhamento, porque não havia uma visão de que a população negra pudesse atuar em áreas que não fossem a música, o esporte. A intelectualidade parecia não ser uma opção para pessoas como eu. Eu era ao mesmo tempo a menina estudiosa, a representante do grêmio, lutava politicamente pelos nossos direitos e batia nos meninos que me agrediam. Isso porque várias vezes apanhei na escola, dos meninos que diziam que eu era a metidinha que tirava nota alta e minha mãe, inclusive, me ensinou que eu deveria saber me defender. Meu contato com os Cadernos Negros, em 2002, foi fundamental para esse posicionamento como escritora de Literatura Negra. Lá, encontrei vários nomes de expressão da literatura, todo ano eu ia para São Paulo, onde acontecia o lançamento dos livros e também um bate papo entre os autores. Foram momentos de troca e aprendizado, pude refletir sobre como eu estava escrevendo, por quê e para quem. Outro fator fundamental foi ter trabalhado 12 anos na Embaixada de Angola no Brasil. Comecei em 1998, com a função de estudar sobre África e Angola. Havia uma pequena biblioteca na sala onde eu trabalhava. Fiquei chocada por ser paga para ler, para estudar, tudo que sempre amei fazer. Estava rompendo a tradição de várias mulheres da família que nunca trabalharam fora, nunca tiveram profissão. Na época, eu estava no último ano da graduação na UNB, já atuando profissionalmente como atriz. Meu sonho era fazer mestrado sobre teatro em Angola, mas como o país estava enfrentando uma guerra civil, eu fiquei no Brasil ministrando palestras, representando a Embaixada, falando sobre o país. Imaginem a quantidade de leitura, de bibliografia básica (risos) que eu adquiri, algo que não era comum! Eu me senti presenteada pelo universo indo ao encontro de tudo o que eu mais amava.

- 5) Ainda falando um pouco da sua história com a literatura e já entrando um pouco mais na sua intimidade, se você me permite isso: em um evento no qual nós estivemos juntas, em dezembro do ano passado, no Instituto Federal de Ouro Preto, você falou que é filha adotiva. Qual a relação da sua vida privada com o seu poema “Quando a mãe morre muito cedo?” Como foi o processo de criação desse poema, teve relação com sua vida particular?**

Foi muito doído para mim não ter conhecido minha mãe biológica, pela curiosidade que eu sempre tive. Mas do ponto de vista de ter uma mãe, minha mãe foi Marina. Eu sofri muito a perda, aos 7 anos, da minha mãe Marina. Em vários momentos, eu ainda penso como teria sido se ela estivesse presente, apesar do pouco tempo de convivência que tivemos. Esse poema parte de uma questão pessoal, a dificuldade de crescer sem mãe, mas essa minha experiência foi dilatada ao observar outras meninas

que também cresceram órfãs. Sempre gostei de dilatar experiências, caminhar no sentido da humanização, só a minha experiência pessoal não seria suficiente. No momento de criação, eu me distancio da minha experiência pessoal e mergulho como escritora nesse universo de sensações, sentindo o nascer da personagem. Aí nasce o poema.

- 6) Ah, ia lhe fazer a pergunta “quem é a mãe Marina”? E você acabou respondendo. Mas ainda invadindo um pouquinho a sua intimidade, se eu não estiver sendo muito chata (risos), queria fazer outra pergunta. No seu livro “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”, a gente percebe muito poemas que falam da maternidade. Eu, como mãe, tenho a impressão de que você, também como mãe de dois filhos, fez esses poemas para eles. Como você percebe sua relação de mãe trazida para os poemas? Há como separar o autor do eu-lírico?**

Marina Sobral Correa de Jesus, filha de militares, estudou o normal, formou como professora, mas nunca trabalhou na área. Casou-se com Jacy Neves Nascimento Jesus. Mulher feminista já naquela época, mamãe não era aquela que só cozinhava, lavava e passava. Quem fazia as atividades domésticas era, principalmente, meu pai, aposentado. Marina era líder comunitária, Adventista do Sétimo Dia; ela era uma pessoa que andava pelo bairro apaziguando conflitos. O que eu sei sobre mamãe, eu soube por meio dos parentes e vizinhos. Até hoje, em visitas ao meu bairro de infância, os vizinhos mais antigos me reconhecem e fazem questão de me chamar para contar histórias. Ela teve três filhos biológicos e duas adotivas. Eu sou a caçula. Uma mãe dedicada, rígida, preocupada com os nossos estudos, comprava aquelas coleções de livros vendidos nas portas das casas. Anos depois da morte da mamãe, eu recebi da família um caderninho onde tive oportunidade de conhecer melhor mamãe. Nesse caderno ela anotou o primeiro dia em que sentei, bati palma e tantas outras coisas, a visita aos pediatras, o dia em que troquei cada um dos meus dentes, isso me trouxe uma felicidade enorme. O que eu tenho da minha mãe é uma sensação física do seu carinho no meu corpo, seu abraço, seu beijo. Ela é uma ancestral muito importante e presente na minha vida. Em vários momentos de dificuldade, eu ouço a voz da minha mãe dizendo: “vá em frente, não desista”. Os momentos de êxito que tive sempre foram dedicados à mamãe e papai. Mamãe também foi fundamental quando decidi, junto com o meu companheiro, adotar duas crianças, nossos filhos. Eu sempre tive a certeza de que em algum momento eu teria filhos. Quando eu falo de maternidade nos meus livros, experiência, eu me coloco sensivelmente conectada às outras mulheres, mães pretas ou não, diante dos nossos medos e de tudo o que desejamos aos nossos filhos. Fui multiplicando as minhas vivências com a maternidade por aí afora, no contato com as pessoas.

- 7) Saindo um pouco da sua intimidade, mas ainda no tema de família, a gente percebe que ancestralidade é algo muito forte na sua literatura e, de maneira geral, em toda Literatura Negra. Você cita trechos como “aprendendo com os meus ancestrais”, “afrocentrando o meu corpo”, “preto velho me ensinou”. Como você define a expressão “ancestralidade”? Qual é o limite dela ou não há limite? Cada poeta vê a ancestralidade de uma forma subjetiva ou essa expressão tem um sentido único dentro da Literatura Negra?**

Quando produzimos Literatura Negra falamos de ancestralidade como referência da nossa identidade. Nossos ancestrais são a nossa história. Os negros escravizados aqui no Brasil não tiveram a oportunidade de conhecer os seus antepassados. Já foi comprovado que o primeiro ser que foi encontrado no planeta Terra era uma mulher negra. Então quando falamos em ancestralidade negra, estamos falando de algo que pertence a todas as pessoas. Agora, é muito particular para gente essa ancestralidade negra, por conta da sensação de reencontro com a nossa cultura, porque por meio dessa ancestralidade a gente consegue construir e refazer a nossa identidade. No meu caso pessoal, considero uma ancestralidade que está ligada a essas raízes que começam no papai e mamãe que eu não pude conhecer e vão se somar a outros parentes cada vez mais distantes até chegar lá, num lugar do continente africano que eu não sei onde é. Falo também da ancestralidade como filha de Marina e Jacy e dos antepassados que eu tenho dessa linhagem, então meu contato com a cultura negra é chão, é terra, no sentido da conservação da tradição, com tudo o que ela pode nos oferecer, ensinar. A vida na concepção africana, não termina com a morte, nós nascemos, morremos, renascemos, nesse ato contínuo da vida. Fico também pensando aqui nessa África-mãe, África-raiz, que tem inspirado a trajetória da humanidade pelo planeta. Cito a Bíblia, por exemplo, todo mundo conhece Moisés, o profeta, mas poucos lembram que Moisés nasceu no Egito e que o Egito é um dos países do continente africano. A África está muito presente no Gênesis, mas tem sido invisibilizada, estereotipada. Estive na Colômbia, participando de um encontro de literatura, participamos de sarau em uma comunidade tribal indígena. Ali fiquei pensando naquela música do Ney Matogrosso, Sangue latino: “*jurei mentiras e sigo sozinho...*” Fiquei pensando nessa latinidade, nos tempos em que os indígenas e os negros estiveram juntos na luta, no quilombo, pensando nos europeus também, heranças que fazem do brasileiro um povo ímpar, fiquei pensando em como todo esse material é rico para o campo da invenção.

- 8) Vamos voltar para sua escrita e a maneira como você trabalha com as palavras. Quero até citar um exemplo: no título do conto “Elevador a serviço”, em que a mudança da preposição “elevador DE serviço” e “A serviço”, muda todo o sentido. Não sei se posso dizer que você “trabalha” com as palavras, “joga” ou ao mesmo tempo em que você as “domina”, você as “deixa livres”, demais até, para o leitor. Pensando nessas construções linguísticas, como você descreve seu processo de criação?**

Os povos diaspóricos em que eu me incluo têm esse mar de informações desconhecidas ou conhecidas parcialmente, é lá onde eu vou buscar palavras para montar um quebra-cabeça. Fazer, desfazer realidades, partindo dessa relação com símbolos entre o consciente e inconsciente, provocando achados a partir da combinação de sons porque os poemas, contos e crônicas falam das palavras no sentido etimológico, mas também levam em conta a sonoridade e o ritmo considerando essas possibilidades melódicas como canções, ou seja, pensando nas infinitas camadas cerebrais que a música tem o poder de conectar. A força das palavras para mim é sagrada no sentido da ancestralidade, da oralidade. Eu procuro fazer um ritual para lidar com elas, para poder produzir mandingas, rezas e benzeduras com esse universo infinito.

- 9) **São muito bacanas os usos que você faz de expressões de antítese e, por vezes, paradoxos quando fala “sua pele preta acende a luz”, além de expressões como: “escurecimentos necessários”, “não tenho medo da escuridão, na escuridão está a vitória”, “é um país estrategicamente embranquecido” , “ninguém vai deixar passar “em branco” o nosso amor”. Como é que essas figuras de linguagem podem atingir os sentidos dos seus leitores?**

Trabalho muito com dicionários para buscar palavras que me ajudem a compor e que possam provocar os sentidos no leitor. Em minha opinião, a literatura precisa tocar o leitor, então eu persigo esse objetivo. Eu sempre fui muito leitora de Bertold Brecht (alemão, dramaturgo, poeta); Garcia Lorca, (dramaturgo, espanhol); Leopold Senghor, senegalês, ex-presidente do Senegal, também poeta; Agostinho Neto, angolano, também ex-presidente da Angola e poeta; Conceição Evaristo, escritora e professora; Carolina Maria de Jesus, escritora. Essas figuras tiveram, à sua maneira, uma conexão com a poesia, com as lutas de libertação, eram inconformados com as injustiças sociais. Como escritora, eu me coloco como uma inconformada. A palavra para mim tem o sentido de instigar, gerar, é diabólica, já que o sentido de “diabólico” é o que transforma a ordem sem fazer desordem. Creio na palavra como aquela que traz o caos e, ao mesmo tempo, reinventa as nossas vidas. É algo que eu pude extrair desses autores, muito importantes nessa minha caminhada.

- 10) **Uma grande curiosidade que eu tenho, como leitora de seus textos, surgiu num trecho do poema “Suplementos para alma”, você diz “Viver de poesia? Você vai passar fome!” Você escutou isso de alguém em algum momento da sua vida e agora isso veio como uma resposta?**

Eu não ouvi essa fala diretamente, mas percebi muitos olhares, ironias, o desprezo que as pessoas têm, a crença de que o nosso ofício é para pessoas loucas, sem juízo, ou o desdém de quem acredita que qualquer pessoa pode produzir poesia porque a poesia não exige uma labuta, é utopia de sonhadores. Esse é um pensamento capitalista, porque a poesia não contribui para a lógica de produção e consumo. O

poema é uma resposta irônica, porque a poesia já me permitiu muitos voos metafísicos e materiais, como o pão de cada dia com o dinheiro dos livros vendidos.

**11) Ainda sobre essas curiosidades, o nome Olga aparece num conto e num poema. A Olga existe de verdade?**

A Olga é uma mulher que eu inventei, fui me apaixonando por ela, uma das personagens que eu mais admiro, com quem eu mais me divirto. Sempre achei que Olga era um nome perfeito para essa mulher. A Olga apareceu pela primeira vez em um conto do livro “Espelhos, Miradouros, Dialéticas da percepção” em 2011. Apareceu de novo em um poema intitulado “Olga”, A Olga não existiu na realidade, é pura ficção.

**12) A construção do livro “Só por hoje dou deixar o meu cabelo em paz” parece seguir a ordem: poemas ligados à negritude, à mulher, depois poemas ligados à mãe, em seguida, poemas sobre amor e no final, muitos poemas ligados ao ato de escrever, à poesia. A ordem foi proposital? Se sim, por quê?**

Escrevo poemas e guardo; no momento da publicação, separo os poemas que quero que estejam no livro; sou muito matemática na hora de fazer a escolha do material, vou percebendo a conexão temática entre os textos. Mas como esse era um livro de poesias, eu não quis criar capítulos. Sei o porquê de cada poema estar onde está, mas quis deixar o leitor livre para ler como quisesse. Eu tenho uma visão clara da organização, pois optei por esse mergulho em temáticas que me provocassem a escrever, mas não tenho a intenção de que o leitor perceba essa divisão.

**13) Quando estivemos juntas, em dezembro de 2016, no evento “Jornada do Geali<sup>3</sup>”, no IFMG, estavam com você outros autores, entre eles, Míriam Alves, autora de Literatura Negra, muito consagrada, e ela comentou algo relativo à necessidade de escrever um romance como uma forma de se reafirmar como autora, nos moldes de literatura que temos hoje no Brasil. Você acha que autores de poemas, crônicas e contos são vistos como autores de menos prestígio? Você também pensa em escrever um romance?**

O mercado tem sim essa lógica e muitas pessoas já me disseram “Ah, sua carreira vai começar quando você publicar seu primeiro romance, aí você vai ser respeitada”. Eu, pessoalmente, quero sim escrever um romance, tenho esse projeto. Mas não vou me atravessar com urgências, porque os livros que eu produzi foram muito pensados, as coisas foram acontecendo. Tenho algumas anotações, trechos, ideias sim, mas não me coloco nessa perspectiva de frustração pela não realização, não creio que isso interferira no andamento da minha carreira. Tenho fé nas coisas que faço. Não creio,

---

<sup>3</sup> GEALI- Grupo de Estudos de Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura

sinceramente, que o romance seja superior a outros gêneros. Amo o conto, a poesia, o teatro, são lugares onde me sinto muito, muito, muito realizada. Mas estou aberta, atenta, o momento do romance vai chegar.

- 14) Eu fiz um trabalho em que eu levei seus contos e poemas para a sala de aula do Ensino Médio de uma escola pública, onde eu leciono. Os meninos escreveram cartas de leitores para você, pois estávamos estudando esse gênero textual. Eles escreveram as impressões que tiveram sobre você e sua literatura. Foi um trabalho muito interessante. Mais interessante por perceber na escrita desses alunos como seus textos atingiram e mexeram com eles. Vou ler alguns trechos das cartas de leitor que eles escreveram:**

*“A existência de seus poemas me toca de uma forma que agora eu consigo notar o mundo com outros olhos”*

*“Gostaria de lhe dizer que seu livro foi um gatilho para que eu me interessasse mais sobre a cultura afro-brasileira”*

*“Um de meus preferidos é o “Cisne Negro”, gosto dele, porque como o Cisne Negro eu não gostava do meu cabelo por ele ser cacheado e muito volumoso, eu queria que ele fosse como os cabelos das famosas que eu via na TV, por isso eu comecei a usar produtos químicos, com o tempo eu cansei de ser escrava da química e tentar ser o que eu não era, então comecei a gostar dos meus cachos da maneira como são e estou há um ano e três meses no processo de transição capilar, de todas as iniciativas da minha vida essa foi a mais importante, porque mesmo parecendo algo simples, me mudou completamente. Por muito tempo eu fui vítima dos padrões de beleza e agora eu admiro as pessoas que os contrariam, principalmente pessoas como você, porque são vocês que me auxiliam na minha autovalorização.”*

*“Eu vejo que seu trabalho como poetiza não serve apenas para nos entreter, mais que isso, Cristiane, seu trabalho é didático, pois faz pensar, agita o estômago ao presenciar qualquer forma de racismo”,*

*“Eu me identifiquei com vários de seus poemas, em destaque os poemas “A menina”, “Fetichismo” e “Espelhos negros”: ambos descrevem como me senti ao longo da vida. Pelo fato de ser a única neta negra na família materna, eu me sentia excluída por achar que eu não me encaixava entre eles, eu recebia piadinhas do tipo “ela é a mais preta da família”, depois de um certo tempo, percebi que nada daquilo fazia sentido e comecei a não importar mais com a fala das pessoas, então me aceitei da forma que sou: negra do cabelo rebelde. Parabéns pelo seu trabalho e, assim como eu, tenho certeza que várias outras pessoas irão se identificar ao ler.”*

**15) Como autora, qual é a reação que você tem ao ver tantos frutos do seu trabalho?**

Achei fantástico esse projeto que você realizou com os estudantes. Quando as “cartas do leitor” apareceram no meu e-mail, meu coração se agitou, porque foram cartas muito bonitas, muito precisas. Eu fiz questão de responder a todas, foi uma experiência de troca e eu valorizo muito essa partilha de emoções. Os depoimentos foram diversos, marcantes. O papel pedagógico da poesia na sala de aula é pura potência, a gente ainda não conhece a dimensão de trabalhos como esse. São assustadores os números da evasão escolar e tudo passa muito pela questão da não territorialidade, da não representação, da dificuldade da discussão sobre as diferenças no espaço escolar. Tenho muitas cartas de leitores que contam intimidades, compartilham experiências a partir do contato com minha literatura. Eu nunca fui capaz de me “preparar” para a recepção desses relatos. São surpreendentes. Quando penso em como é precioso o encontro com o leitor, isso me toca profundamente. Eu sempre pensei em produzir uma literatura útil, para que o meu livro não ficasse apenas enfeitando uma mesa de jantar, uma sala. Em momentos difíceis da minha vida eu dizia: “eu escrevo e bebo meu próprio remédio”. Então, quando vejo depoimentos de jovens falando sobre o nascimento deles como negros e negras, eu penso na menina que eu fui, que queria escrever com esse objetivo, que queria anunciar um tempo novo. Tenho muita esperança no futuro. Quando vejo meu trabalho dando frutos sinto-me realizada! Tive muitos problemas na vida, momentos de fome, abandono, solidão, muitas dificuldades financeiras. O fato de ter persistido e enfrentado essas situações, ter encontrado no caminho pessoas que me ajudaram e torcem por mim até hoje, me deixa certa de que hoje sou uma pessoa que dedica os frutos aos meus pais, meus filhos, meu marido, pois eles me alimentam a continuar difundindo um espírito de gratidão. Os frutos que estou colhendo chegaram em um momento em que tornei uma pessoa bem melhor, mais madura e consciente do meu papel social.

(Para mais contatos com a autora, siga o blog: [cristianesobral.blogspot.com](http://cristianesobral.blogspot.com))